



DIÁLOGOS CULTURA EM DADOS

ciclo de conversas mensais sobre **pesquisas do setor cultural** com enfoque em gestão

4^a EDIÇÃO: HÁBITOS CULTURAIS EM NÚMEROS

NESTA EDIÇÃO:

CULTURA NAS CAPITAIS | João Leiva
(J.Leiva Cultura & Esporte)

HÁBITOS CULTURAIS |
Guilherme Gonçalves
M. Silva (Itaú
Cultural)



PANORAMA DA EDIÇÃO

Fotografias de Carol Lando/MinC

Em 28 de novembro de 2025, o Ministério da Cultura realizou a quarta edição dos Diálogos SNIIC, dedicada a pesquisas sobre os hábitos culturais dos brasileiros.

Foram apresentados os resultados recém-lançados da **6^a edição da pesquisa Hábitos Culturais**. Conduzido por Guilherme Gonçalves, do Observatório da Fundação Itaú, o estudo traça um panorama da participação cultural no país e mostra como fatores socioeconômicos e territoriais influenciam essa dinâmica.

O encontro também trouxe a **2^a edição da pesquisa Cultura nas Capitais**, conduzida por João Leiva, da J. Leiva Cultura & Esporte, que analisa como escolaridade, idade e gênero moldam padrões de fruição cultural nas metrópoles.

Os comentários ficaram a cargo de Cecília Sá, subsecretária de Espaços e Equipamentos Culturais do MinC, e Luisa Hardman, coordenadora-geral de Fomento na Funarte, que discutiram a relevância dos achados e suas implicações para as políticas culturais.

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

EDITORIAL

Texto de Luisa Hardman, gestora cultural, pesquisadora e Coordenadora-Geral de Fomento na Funarte

O 4º Diálogos SNIIC evidenciou a relevância estratégica das pesquisas sobre hábitos e práticas culturais para a formulação de políticas públicas baseadas em evidências. Esses estudos oferecem um retrato dos reais beneficiários das políticas culturais — a sociedade brasileira — ao revelar lacunas, ausências, desejos e comportamentos nos modos de participar e consumir produtos e atividades culturais.

Os debates desta edição trouxeram elementos centrais sobre as dinâmicas de fruição cultural no país, revelando tendências que ajudam a compreender o acesso, o consumo e as desigualdades ainda persistentes. Essas investigações não apenas ampliam o entendimento sobre os públicos, como também instigam a formulação de hipóteses, o cruzamento de marcadores sociais e a identificação dos desafios relacionados à efetivação do direito à cultura.

Nesse contexto, nos perguntamos: de que maneira as dinâmicas de fruição cultural se conectam às práticas de criação artística e, por consequência, às demandas de fomento? Seria possível estabelecer paralelos entre padrões de participação e a procura registrada nos chamamentos públicos, permitindo identificar aproximações — ou tensões — entre produção e consumo?

Esse conjunto de reflexões dialoga diretamente com o eixo Acesso às Artes na Política Nacional das Artes (PNA), que propõe políticas específicas para enfrentar tanto barreiras objetivas quanto e dimensões subjetivas relacionadas à mediação e aos repertórios culturais. As pesquisas discutidas indicam quem consegue chegar, entrar e usufruir da oferta cultural e quem permanece à margem por razões socioeconômicas, territoriais ou informacionais.

Portanto, para além do importante trabalho de coleta, é necessário dar relevo aos dados para que possam ser mobilizados na transformação de realidades — precisam, assim, suscitar perguntas e fundamentar escolhas de política pública. Por meio dessas pesquisas, os dados tornam-se informações valiosas e, ao serem debatidas coletivamente, essas pesquisas convertem-se em conhecimento capaz de qualificar a gestão cultural.

“Seria possível estabelecer paralelos entre padrões de participação e a procura registrada nos chamamentos públicos, permitindo identificar aproximações — ou tensões — entre produção e consumo?”



“É necessário dar relevo aos dados para que possam ser mobilizados na transformação de realidades — precisam, assim, suscitar perguntas e fundamentar escolhas de política pública.”

DESTAQUES DO ENCONTRO



HÁBITOS CULTURAIS - 6ª ed. | Guilherme Gonçalves Miranda Silva (Itaú Cultural)

A 6ª edição da pesquisa HÁBITOS CULTURAIS, realizada pelo Itaú Cultural em parceria com a Datafolha, trouxe novos dados sobre como a população brasileira de 16 a 65 anos acessa arte e cultura. O estudo ouviu 2.432 pessoas entre 11 e 26 de agosto de 2025, por meio de entrevistas presenciais com questionário estruturado. Realizada desde 2020, a continuidade da série permite acompanhar mudanças no acesso às atividades culturais ao longo dos anos.

Apresentada por Guilherme Gonçalves Miranda Silva, analista do Observatório da Fundação Itaú, a pesquisa aponta aumento em 16 das 23 atividades culturais acompanhadas, considerando a comparação entre 2025 e os levantamentos de 2022, 2023 e 2024. Como possíveis explicações para esse fenômeno, foram considerados tanto os efeitos da reativação do setor cultural no pós-pandemia quanto os impactos da retomada das políticas federais de fomento a partir de 2023.

Apesar desse movimento de crescimento, a desigualdade persiste como marca estruturante no acesso à cultura. A comparação por classe econômica evidencia que pessoas das classes A/B frequentam significativamente mais equipamentos e atividades culturais do que as classes D/E, com destaque para museus e cinema. De 13 atividades analisadas, a única exceção à predominância da classe A/B é o consumo de novelas: 60% da classe D/E assistiu nos últimos 12 meses, contra apenas 47% da classe A/B. Dessa forma, verifica-se que, mesmo com o aumento geral de acesso, a disparidade entre os estratos sociais permanece intacta.

As diferenças territoriais reforçam esse cenário, evidenciando um padrão de acesso distinto: atividades que exigem equipamentos culturais fixos, como cinema e museus, são mais acessadas em regiões metropolitanas e capitais, ao passo que o consumo de atividades que permitem uma estrutura flexível ou itinerante, como shows de música e circo, é maior entre os moradores de municípios do interior. Essa mesma dinâmica é observada no que diz respeito ao porte do município: cidades de grande e médio porte concentram atividades que exigem equipamentos fixos, como cinema e museus. Em contraste, shows de música apresentam um

DESTAQUES DO ENCONTRO



equilíbrio na distribuição, e o circo demonstra um aumento de consumo à medida que o porte do município diminui.

Quanto às **motivações que levam o público a buscar atividades culturais presenciais**, os entrevistados indicaram principalmente o **relaxamento e redução do estresse (44%) e o desejo de conhecer novos lugares (40%)**. Entre os **obstáculos**, destacam-se questões financeiras (34%), insegurança e violência (31%), cansaço ou desânimo (26%), falta de tempo (24%) e dificuldades de deslocamento (21%). Um dado que merece atenção especial é a especificação do item insegurança e violência: ao detalharem o que querem dizer, 21% dos respondentes apontaram o assédio ou a violência de gênero como um obstáculo direto à presença em atividades culturais.

Além disso, a pesquisa investigou a influência da formação cultural no acesso à cultura. Ao cruzar as respostas sobre a frequência de atividades culturais na infância com os hábitos de acesso na vida adulta, **verificou-se que, em todas as atividades presenciais analisadas, o público participou de atividades culturais quando criança demonstra maior engajamento e frequência como adulto em comparação com aqueles que não praticavam na infância**.

Na etapa de comentários, a coordenadora-geral de Fomento na Funarte, **Luisa Hardman**, destacou o achado sobre a infância, reforçando a importância do estímulo à arte e cultura desde cedo para formar cidadãos que usufruam plenamente do seu direito cultural na vida adulta. Já Cecília Sá, subsecretária de Espaços e Equipamentos Culturais do MinC, realçou a relevância do estudo para guiar as políticas de infraestrutura, sugerindo a inclusão de equipamentos multiculturais/multiuso nas perguntas correlatas.

Em convergência com as prioridades apontadas pela gestão pública, os dados confirmam que o acesso à cultura permanece estruturalmente desigual, predominando em regiões metropolitanas e de maior renda. Tais resultados direcionam a atenção da gestão para o reforço de políticas que ampliem direitos e reduzam desigualdades sociais e territoriais, com especial atenção à oferta cultural para crianças e jovens.

DESTAQUES DO ENCONTRO



CULTURA NAS CAPITAIS - 2ª ed. | João Leiva (J.Leiva Cultura & Esporte)

A segunda apresentação do encontro focou na **pesquisa Cultura nas Capitais, conduzida por João Leiva**. O estudo está em sua segunda edição (2024), o que possibilita comparativos valiosos com a pesquisa anterior de 2017. A edição mais recente realizou **entrevistas presenciais com 19.500 pessoas maiores de 16 anos em todas as capitais brasileiras, entre fevereiro e maio de 2024**.

A pesquisa oferece um conjunto valioso de informações para a gestão cultural desses territórios. Seus dados permitem identificar desde os equipamentos mais frequentados até a distância percorrida para participar de atividades, além de apontar se a experiência foi paga ou gratuita e quais linguagens despertam maior interesse. Em metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro, os resultados foram detalhados por regiões e sub-regiões, ampliando a compreensão territorializada das práticas culturais.

Ao observar a série histórica dessa pesquisa, o acesso à cultura apresenta um quadro de retração. A comparação entre a primeira edição do estudo (2017) e a mais recente (2024), em 12 capitais, mostra queda em todas as 12 atividades analisadas. Isso sinaliza que, mesmo com a recuperação pós-pandemia, o nível geral de acesso nas capitais permanece abaixo do patamar pré-pandêmico.

Diferentemente da pesquisa Hábitos Culturais, que possui abrangência nacional, a Cultura nas Capitais aprofunda o olhar sobre os grandes centros urbanos. **Em razão desse foco territorial, a coleta tendeu a concentrar-se em áreas de maior renda,** resultando em uma menor presença das classes D/E na amostra (17%, contra 31% na pesquisa do Itaú). **Apesar desse potencial atenuador, as desigualdades de acesso entre as classes ainda são proeminentes no estudo.**

Neste cenário, a escolaridade se mostrou um fator ainda mais determinante do que a renda. Para ilustrar essa relação, Leiva demonstrou que pessoas da classe C com ensino superior acessam mais cultura do que indivíduos da classe B com menor nível de escolaridade. O mesmo padrão aparece em diferentes combinações entre escolaridade, classe social e participação cultural, **reforçando o papel da educação como elemento decisivo nesse acesso.**

DESTAQUES DO ENCONTRO



CULTURA NAS CAPITAIS - 2ª ed. | João Leiva (J.Leiva Cultura & Esporte)

A pesquisa também evidencia o peso da idade no acesso à cultura. Pessoas com 60 anos ou mais aparecem abaixo da média em todas as 14 atividades analisadas.

Um exemplo notável da disparidade está no cinema: enquanto 74% dos jovens (16 a 24 anos) compareceram no último ano, apenas 26% dos idosos fizeram o mesmo.

Esse fenômeno é atribuído a múltiplos fatores, incluindo a menor escolaridade dessa geração, dificuldades de mobilidade e saúde, menor acesso a comunicações digitais e a falta de companhia para as atividades. **Diante do crescimento da população idosa no país, ampliar o acesso desse público torna-se um desafio cada vez mais central para as políticas culturais.**

Além da idade, o gênero é outra perspectiva que revela desigualdades. **Embora homens e mulheres apresentem níveis semelhantes de acesso à cultura, o interesse feminino é maior em todas as atividades avaliadas. No entanto, esse interesse não se traduz em participação equivalente.** A pesquisa ainda indica que, enquanto o casamento reduz o acesso de forma similar para ambos, **a maternidade provoca uma queda muito mais acentuada no acesso para as mulheres.**

Em síntese, o estudo evidencia desigualdades persistentes no acesso à cultura nas capitais brasileiras (e entre elas), definidas sobretudo pela escolaridade e renda e ampliadas por fatores como idade e gênero. Para instrumentalizar a gestão pública diante desse cenário, a pesquisa completa está disponível no site Cultura nas Capitais, oferecendo gráficos interativos, filtros diversos e análises aprofundadas por capital, por marcadores sociais (como gênero e raça) e por áreas culturais específicas, incluindo museus, artes cênicas e música.

Links úteis

► [Diálogos SNIIC | 4ª Edição: Hábitos culturais em números](#) [Assista à gravação](#)

► Confira a íntegra da [6ª edição da pesquisa Hábitos Culturais](#)

► [Explore os resultados da pesquisa Cultura nas Capitais](#), o maior raio-X da cultura nas metrópoles brasileiras